



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA

RAMONA KRÜGER

MULHERES NO MERCADO BRASILEIRO DE
PRODUTOS AUDIOVISUAIS EM ANIMAÇÃO

Pelotas/RS

2018

Ramona Krüger

Mulheres no Mercado Brasileiro de Produtos Audiovisuais em Animação

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema de Animação no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Orientadora: Profª. Dra. Carla Schneider

Pelotas

2018

Ramona Krüger

Mulheres no Mercado Brasileiro de Produtos Audiovisuais em Animação

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em (Cinema e Audiovisual ou Cinema de Animação) no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Aprovada em dezembro de 2018.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Carla Schneider

Me. Cristiane Aparecida Gomes Faria

Me. Giselle de Carvalho Nascimento Monteiro de Castro

RESUMO

O presente artigo apresenta dados de como o mercado brasileiro de produtos audiovisuais em animação tem se configurado, sob o ponto de vista da mulher, nos últimos dez anos. Para isso, cruza informações e apresenta valores que possam esclarecer quais lugares a mulher tem ocupado. Um dos objetivos é revelar o perfil deste mercado de trabalho para as mulheres que buscam nele ingressar.

Palavras-chave: animação brasileira; mulheres; mercado de trabalho

ABSTRACT

This article presents data on how the Brazilian market for audiovisual products in animation has been configured from the point of view of women in the last ten years. For this, it crosses information and presents values that can clarify which places the woman has occupied. One of the objectives is to reveal the profile of this labor market for women seeking to enter it.

KeyWords: brazilian animation; women; job market

INTRODUÇÃO

Nos últimos dez anos é possível observar o crescimento da produção de animações no Brasil, período também onde comemorou seu centenário. Neste cenário fica evidente, nos dados quantitativos, mediante o acréscimo significativo de duas para quarenta e quatro séries de animação para a televisão e plataformas online (vídeos por demanda). Resultado de mecanismos de incentivo criados e administrados pelo Ministério da Cultura (MinC), através da Agência Nacional do Cinema (Ancine). Dentre eles se destacam o Fundo Setorial do Audiovisual (FSA)¹, de 2007, e a Lei da TV Paga², datada em 2011, que fomentam a produção independente, com cotas de horários semanais para serem exibidos em canais da TV à Cabo.

Este período, favorável ao audiovisual, teve reflexo nos mais diversos formatos de produção. Os avanços da indústria brasileira no campo da animação, refletiram também na busca por profissionais qualificados para compor as equipes e estúdios que foram surgindo. Portanto, é de se esperar que tenha ocorrido um aumento da quantidade de mulheres envolvidas na concepção e realização desses produtos.

Em paralelo, vem surgindo vários cursos de ensino superior dedicados à formação profissional na área de produtos audiovisuais com animação, iniciando uma transformação e democratização do acesso a este aprendizado no país. Destaco aqui a instituição da qual sou estudante, no curso Cinema de Animação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no Rio Grande do Sul. Desde sua fundação em 2010, possui turmas compostas por ingressantes na proporção aproximada de 45% de mulheres além de algo similar na constituição do quadro de professores.

Durante a minha trajetória nesta graduação, me deparei com reflexões acerca da escassez de registros que contemplam dados sobre as mulheres na animação brasileira. Se por um lado, dentro da sala de aula pude vivenciar um equilíbrio na equiparidade de gênero (onde 57,7% da turma era composta por mulheres), o mesmo não acontecia ao procurar referências de artistas consagradas no mercado, ou que marcasse presença durante a história. Não restringindo somente ao cinema, mas a todo o mercado de produtos audiovisuais em

¹ O FSA é um marco na política pública de fomento à indústria cinematográfica e audiovisual no País, ao inovar quanto às formas de estímulo estatal e à abrangência de sua atuação. Criado pela Lei nº 11.437, é um fundo destinado ao desenvolvimento articulado de toda a cadeia produtiva da atividade audiovisual no Brasil.

² Lei 12.485/2011: Um de seus principais objetivos é aumentar a produção e a circulação de conteúdo audiovisual brasileiro, diversificado e de qualidade, gerando emprego, renda, royalties, mais profissionalismo e o fortalecimento da cultura nacional.

animação (onde entram séries e publicidade), uma vez que são produções mais curtas e com maior renovação de equipes, tendo maior possibilidade de inserção. A partir disso, surgiu a seguinte pergunta que fundamenta esta pesquisa: como está configurado o atual cenário nacional do mercado de animação (nos diversos formatos dos produtos audiovisuais) em termos quantitativos e qualitativos no comparativo entre mulheres e homens?

Assim, compreendemos a relevância de realizar uma pesquisa com este recorte investigativo, objetivando compreender a configuração deste mercado e fornecer informações para as mulheres que, como eu, buscam ingressar neste campo de trabalho.

Para atingir este objetivo mapeamos a presença da mulher no mercado de trabalho, mediante a análise de dados resultantes de formulário online respondido por pessoas que atuam na área, independente de gênero. Além disso, traçamos o perfil das mulheres no atual mercado brasileiro, considerando itens como: tempo de atuação, as funções ocupadas, tipo de produção, etc., com o intuito de revelar dados quantitativos da proporção de gênero no mercado de produtos audiovisuais de animação no Brasil.

A partir disso, trazemos registros sobre uma outra forma de atuação das mulheres no mercado, através de organizações como a americana *Women In Animation*³ (WIA), a francesa *Les Femmes S'Animent*⁴ (LFA), bem como, no Brasil, o *Fórum Animação Brasileira das Mulheres*.

1. SOBRE AS MULHERES

1.1 A Ausência das Mulheres

Nos registros mais antigos sobre a história da animação percebemos a ausência de dados que creditem a mulher como realizadora. Entretanto, observamos sua presença neste ambiente de trabalho desde 1917, através de imagens do documentário (ver Figura 1) de Gabriele Zucchelli (2009) sobre *El Apostol*, o primeiro longa-metragem de animação produzido por Quirino Cristiani.

³ Mulheres na Animação, tradução livre a partir do Inglês.

⁴ As Mulheres se Animam, tradução livre a partir do Francês.



Figura 1: frames que mostram mulheres fazendo parte da equipe de animação
 Fonte: Film before film: what really happens between the images (Werner Nekes, 1986)

Livros como *The Illusion of Life* (Frank Thomas; Ollie Johnson, 1981), *The Animator Survival Kit* (Richard Williams, 2001) e *Criatividade S.A.* (Ed Catmull, 2014) reforçam essa percepção, mantendo os homens frequentemente como referência principal nesta área. Cabe lembrar do alerta de Pierre Bourdieu (2012, p.49) sobre "os efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõe." Em outras palavras, acreditamos que essa ausência do reconhecimento da mulher, enquanto parte da produção de animações está a serviço da dominação masculina e submissão feminina.

Embora reconheçamos esse cenário, em paralelo identificamos a presença da figura feminina em circunstâncias de erotização. Ainda no período pré-cinema (antes de 1895), constatamos representações da imagem (ver Figura 2) do corpo feminino nos desenhos animados inseridos nos brinquedos óptico-mecânicos, conforme apresentado no documentário de Werner Nekes (1986).



Figura 2: frames de representações de mulheres em circunstâncias de erotização.
 Fonte: Film before film: what really happens between the images (1986)

É em meio a essa dominação que as mulheres buscam o seu espaço. Ainda que em minoria ou recebendo menor destaque, algumas conquistam papel importante na história da animação, num âmbito mundial. Claire Parker, engenheira formada pelo MIT e animadora, por exemplo, é co-criadora do PinScreen, técnica de animação desenvolvida entre 1932 e 1935 que consiste em uma tela com milhares de pinos, que são manipulados e geram uma imagem através da luz retroprojetada nele. A técnica se assemelha com o que hoje conhecemos por *PixelArt*⁵ e foi usada na abertura do filme *The Trial* (1962) de Orson Welles. Também pioneira na área, Evelyn Lambart foi primeira animadora canadense, trabalhou por mais de 20 anos ao lado de Norman McLaren e durante décadas foi a única animadora na National Film Board (NFB). Em paralelo dirigiu seus próprios filmes, onde era a responsável por toda parte criativa, desde a criação da história, design de personagens, pintura, até a animação frente à câmera. Em 1969 Annecy⁶, a primeira mulher a ganhar o prêmio de melhor curta-metragem foi a britânica Alison de Vere, com *Mr. Pascal* (1979) Ainda neste cenário, o segundo longa-metragem animado é da alemã Lotte Reiniger, conhecido como *As Aventuras do Príncipe Achmed* (1926). Realizado de maneira autônoma, este filme nos traz indícios que nos levam a concluir que, até então, esse era a maneira de uma mulher poder assumir funções criativas e dirigir um filme. Complementando este panorama, Mindy Johnson (2017) apresenta os resultados de sua pesquisa no livro *Ink and Paint: The Women of Walt Disney's Animation* ao reconhecer o talento e profissionalismo das mulheres em diversas funções no estúdios de animação de Walt Disney.

Embora, mais recentemente, verificamos iniciativas buscando um olhar dedicado ao trabalho das mulheres neste mercado de trabalho, ainda seguimos com a ausência de registros com este enfoque no Brasil. Essa questão parece ficar mais evidente a partir de 2017, quando celebramos o centenário da primeira animação pertencente a filmografia brasileira em animação, com o curta-metragem *O Kaiser* (Álvaro Martis - Seth). Neste panorama histórico acreditamos que a mulher esteve presente desde o início. Porém, as referências nos créditos das produções revelam a predominante atuação dos homens, ao longo desses 100 anos. Averiguamos que, passados 94 anos do primeiro filme de animação

⁵ Forma de arte digital feita a partir do pixel.

⁶ Festival Internacional de Cinema de Animação - Annecy, evento com reconhecimento mundial nesta área e que acontece anualmente na França, desde 1960.

brasileiro é que, em 2011, temos o único longa-metragem dirigido por uma mulher. *Brasil Animado*, de Mariana Caltabiano, apresenta a jornada dos protagonistas *Stress* e *Relax* pelo Brasil, mostrando curiosidades sobre a cultura brasileira, mesclando personagens animados com *live-action*. Esse feito aconteceu num período em que, no Brasil, eram lançados no máximo quatro longas de animação ao ano. Para se ter uma ideia, atualmente estão em fase de produção 25 longas-metragens de animação brasileiros⁷.

Embora o debate acerca da presença e reconhecimento da mulher neste campo de atuação seja recente, nota-se um crescente espaço para se pensar a respeito, não apenas questões relacionadas ao gênero (inclusive em termos de equiparidade), mas também sobre inclusão e diversidade, conforme descrito a seguir.

1.2 A União das Mulheres

Em busca de fortalecer a representatividade da mulher no mercado de trabalho, predominantemente masculino, surgem organizações no âmbito mundial, bem como no Brasil. *Women In Animation* (WIA) é a primeira organização dedicada a apoiar as mulheres no campo da animação e tem como visão um mundo onde elas tenham igualdade para criar e produzir animações. Para tanto, essa instituição atua propiciando orientação e mediando conexões associadas às diversas relações que o mercado de trabalho apresenta para as mulheres. Desde sua data de fundação em 1995, realiza eventos, palestras, programas de mentoria, bolsas de estudo e grupos de conversa. Na América do Norte, a WIA possui representatividade local nas cidades de Nova Iorque, Los Angeles, São Francisco e Toronto. Na Índia está presente em Pune e na Europa em Dublin. Em paralelo, com objetivos similares e, também no continente europeu, na França, existe a *Les Femmes S'Animent* (LFA).

Em 24 de julho de 2018 o Brasil deu seu primeiro passo neste sentido. Durante o Anima Mundi, mas especificamente na mesa de debate sobre a representatividade da mulher brasileira no mercado de trabalho, foi lida a carta que registra a fundação e a missão do *Fórum Animação Brasileira das Mulheres*. Cabe destacar que dentre os objetos desta organização está a representação das mulheres atuantes no mercado de animação do Brasil acerca das discussões da política nacional do audiovisual; integração e interação com entidades do audiovisual nas questões recorrentes a temas pertinentes ao olhar sobre a

⁷Com apoio do MinC e da Ancine, animações são selecionadas. Disponível em <<https://bit.ly/2zLwkj0>>. Acesso em 20 out. 2018.

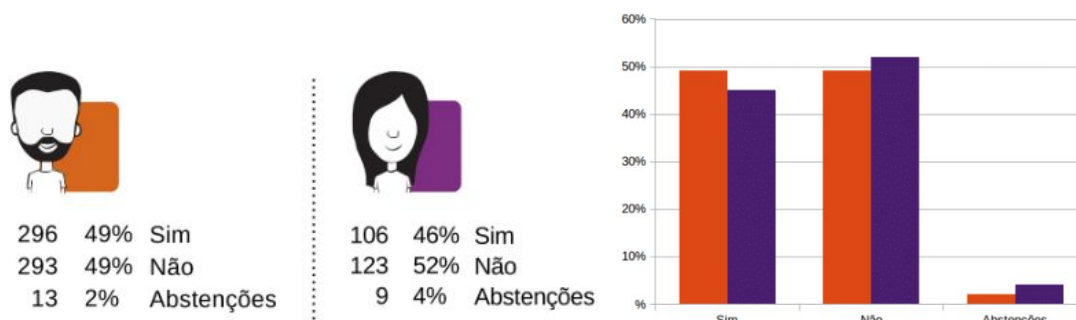
presença feminina e atuação na indústria, além da constante atuação para a equiparidade entre homens e mulheres no mercado de trabalho, nas comissões e seleção de editais, festivais, mostras e juris.

É neste contexto que assumem a liderança de estúdios de animação, sejam eles de séries ou publicidade, mulheres como Aída Queiroz⁸, Célia Catunda⁹, Elizabeth Mendes¹⁰, e Luciana Eguti¹¹. Também observamos a presença de animadoras brasileiras como Nadia Mangolini¹², Nara Normande¹³, Rosana Urbes¹⁴, Rosaria Moreira¹⁵ e Tania Anaya¹⁶ conquistando reconhecimento através de curta-metragens autorais, com diversos prêmios.

2. O OLHAR CIENTÍFICO SOBRE OS DADOS ENCONTRADOS

Nesta etapa do artigo descrevemos a trajetória da metodologia utilizada, considerando três fontes principais: a pesquisa *‘Eu sou Animação no Brasil’* (Cristiane Fariah, 2014); dados do curso Cinema de Animação (UFPel) sobre os ingressantes e os egressos, o formulário *‘Animação Para todos e Todas’* (Rosaria Moreira, 2018).

A partir dos estudos apresentados por Cristiane Fariah (2014) encontramos, dentre os dados relevantes para este recorte investigativo, o registro em percentuais, sobre a presença de mulheres e homens no mercado brasileiro através dos aspectos financeiros e acadêmicos. Do total de 840 respostas, apenas 28% foram de mulheres, onde 46% delas têm animação como principal fonte de renda. A porcentagem fica abaixo dos homens, onde 49% tem sua renda do trabalho com animação (veja Figura 3).



⁸ Sócia/Fundadora da Campo 4 e também uma das criadoras do Anima Mundi

⁹ Diretora do *Show da Luna* (2014), e Sócia/Fundadora da TV Pinguim

¹⁰ Criadora e Diretora da série *O Diário de Mika* (2015)

¹¹ Produtora Executiva e Sócia/Fundadora da Birdo

¹² Diretora de curta metragem *Torre* (2017)

¹³ Diretora das animações *Dia Estrelado* (2011), e *Guaxuma* (2018)

¹⁴ Autora do curta metragem *Guida* (2014)

¹⁵ Autora do curta metragem *O Projeto do Meu Pai* (2016)

¹⁶ Diretora de *Balançando na gangorra* (1992), *Castelos de vento* (1998) e *Ágtux* (2005)

Figura 3: dados correspondentes a pergunta ‘Animação é sua principal fonte de renda?’
 Fonte: relatório visual da pesquisa “Eu Sou Animação no Brasil”, 2014.

Porém, no quesito acadêmico (veja Figura 4), quando comparado aos homens, as mulheres estão em igual presença no ensino superior (50%) e, ainda, fazem números maiores em pós-graduações (15% em relação a 11% dos homens), mestrado (7% a 6%), e doutorado (1% a 0%), respectivamente.

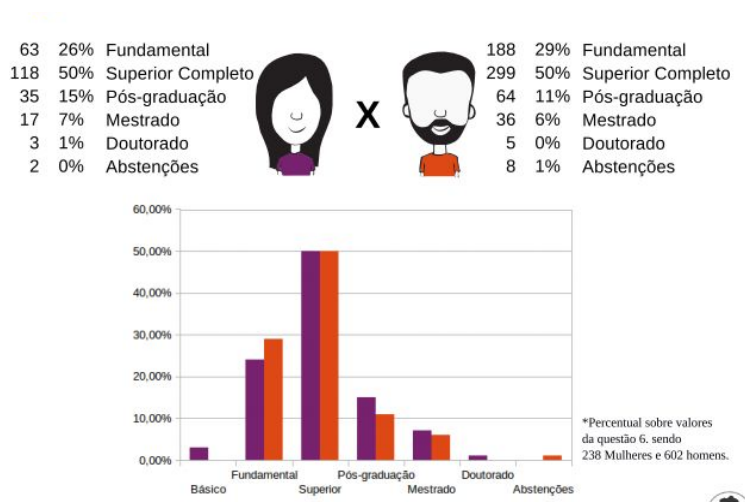


Figura 4: dados referentes ao ‘Grau de formação por gênero’.
 Fonte: relatório visual da pesquisa “Eu Sou Animação no Brasil”, 2014.

Apesar de apresentarem uma porcentagem maior de formação especializada, os dados a respeito da remuneração (veja Figura 5) nos mostram que os homens ainda recebem salários superiores, em sua maioria. Vemos que 13% das mulheres recebem remuneração acima de R\$ 5.000,00 em comparação a 21% dos homens, na medida que 38% delas recebem até R\$ 2.000,00 em comparação a 29% dos homens. Ainda neste contexto, quando acontece, apenas 46% das mulheres são remuneradas, no comparativo com 55% dos homens. Cabe observar que, mesmo sendo maioria em formação e especialização, e terem salários menores, 5% das mulheres nunca foram remuneradas, em contraponto com 3% dos homens.

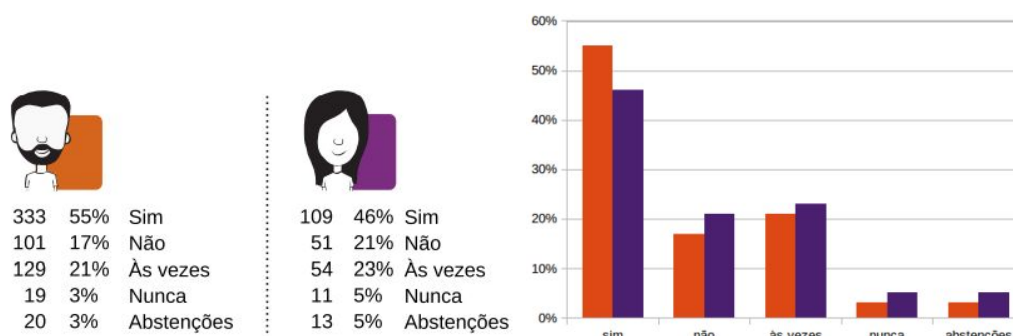


Figura 5: resultados referente à questão ‘Você é sempre remunerado?’
 Fonte: relatório visual da pesquisa “Eu Sou Animação no Brasil”, 2014.

Partindo para uma experiência mais próxima, foi feita uma análise das turmas do curso de Cinema de Animação na UFPel, com o intuito de descobrir se a percepção quanto a equiparidade na constituição numérica dos estudantes estava correta. Um ponto a se ressaltar é que, uma vez que o acesso ao ensino é concedido, o caminho para a democratização das informações acerca do que envolve o mercado de animação é aberto. Nas palavras de Simone Beauvoir (1960, p. 449):

Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais necessidade de um mediador masculino.

Considerando o número de ingressantes das quatro primeiras turmas com o tempo de graduação regular completo (6 anos), sendo elas ao longo do período de 2010 a 2014, foram extraídos os percentuais por gênero (ver Figura 6). Com o foco nas mulheres, o resultado foi de 41,7% do total de 108 alunos, sendo que a primeira turma teve 60%, a segunda e terceira com 37,5%, e a quarta com 33,4%.

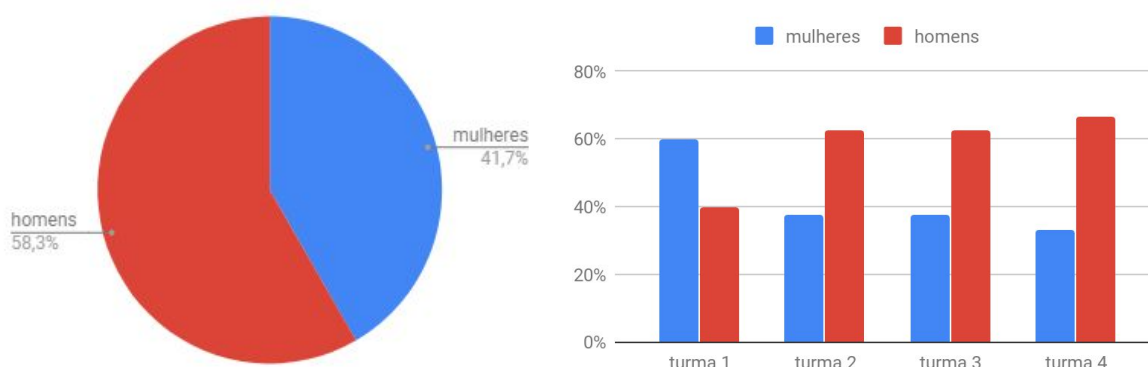


Figura 6: percentual de mulheres e homens nas quatro primeiras turmas, total e por turmas, respectivamente.
Fonte: dados retirados do sistema de gerenciamento da UFPel, cedidos pela coordenação dos cursos de Cinema.

Ainda que em minoria como ingressantes, as mulheres chegaram em maior quantidade para a conclusão do curso (ver Figura 7), sendo que 51,1% do total estão formadas, em comparação com 49,2% do total de homens. A partir desses dados sobre a permanência e conclusão desse curso, deduzimos que exista um equilíbrio, não só pelo ponto de vista da formação, mas também como número de estudantes egressos, sendo desde então profissionais disponíveis para este mercado de trabalho.

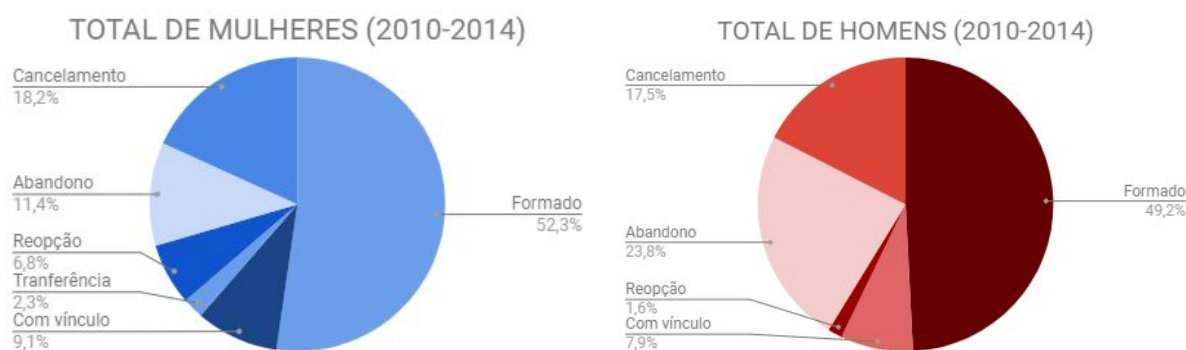


Figura 7: percentual do total de mulheres e homens a respeito da conclusão do curso, das quatro primeiras turmas.
 Fonte: dados retirados do sistema de gerenciamento da UFPel, cedidos pela coordenação dos cursos de Cinema.

Ao analisar os ingressantes das turmas posteriores à 2014, que ainda se encontram em aberto quanto ao tempo de formação, é possível observar que os números se encaminham para um equilíbrio mais evidente (ver Figura 8). Em destaque, a turma 8 (2018) que é composta por exatos 50/50.

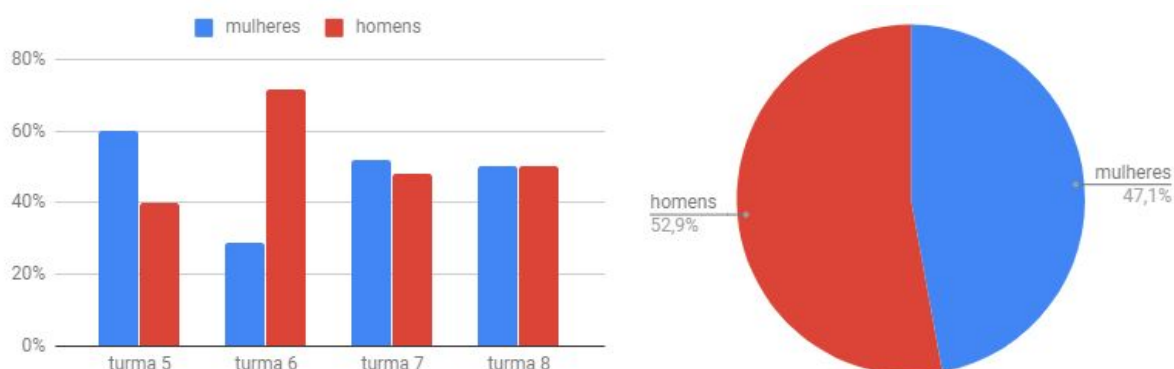


Figura 8: percentual de ingressantes das turmas entre 2015 e 2018 e do total de alunos nesse período.
 Fonte: dados retirados do sistema de gerenciamento da UFPel, cedidos pela coordenação dos cursos de Cinema.

Essa maior presença cruza com o fato de que desde sempre as mulheres precisam provar que estão aptas. Como Simone Beauvoir (1960, p. 470) já alertava:

A mulher deve incessantemente conquistar uma confiança que não lhe é de início concedida: no princípio ela é suspeita, precisa dar provas de si. Se tem valor, ela, afirmam, as dará. Mas o valor não é uma essência dada: é a culminação de um desenvolvimento feliz. Sentir pesar sobre si um preconceito desfavorável só muito raramente ajuda a vencê-lo. O complexo de inferioridade inicial acarreta, como é geralmente o caso, uma reação de defesa que é uma afetação exagerada de autoridade.

Direcionando o olhar para o mercado de trabalho, recorreremos à análise de dados coletados através do formulário online de pesquisa realizada em associação com a animadora Rosaria Moreira. Intitulada '*Animação para todos e todas*' ocorreu no período entre 10 de junho e 26 de julho de 2018 e contou com 240 respostas de pessoas da área, sendo elas 125 mulheres e 115 homens.

A escolha dos dados a serem cruzados para esse recorte, foi dada através de um enfoque que pudesse esclarecer dúvidas para quem busca entrar nesse mercado de trabalho. O formulário, composto por um total de 61 questões, conteve seis perguntas iniciais abordando: tempo de atuação na área, funções desempenhadas, tipo de produção que participa, vínculo com a área e como é remunerado (sendo as quatro últimas com a possibilidade de selecionar múltiplas respostas e apenas as duas últimas de resposta obrigatória). Além disso, o questionário conta com três seções, com o total de 54 situações onde era necessário selecionar quantas vezes já havia passado por isso, tendo como opção de resposta: 'nunca', 'uma ou poucas vezes' e 'muitas vezes ou frequentemente'. Essas seções, que eram de resposta obrigatória, envolviam temas como: reconhecimento de sua atuação mediante crédito associado ao trabalho, convite para entrevistas ou palestras (entre outras atividades), acúmulo de funções, liberdade de expressão dentro do projeto, bem como de escolhas a respeito de função e cronograma dentro do local de trabalho. É necessário ressaltar que a presente pesquisa selecionou questões do formulário online que estivessem alinhadas com os objetivos aqui propostos. Assim, o foco principal esteve em analisar e revelar os dados relevantes para as mulheres que estão iniciando neste mercado de trabalho.

A trajetória metodológica desta etapa iniciou com a leitura da tabela que contém o registro de todas as respostas dos participantes da pesquisa. Optamos pelo critério inicial de ordenar pelos dados preenchido pelas mulheres, uma vez que a pesquisa se propõe a observar questões deste mercado de trabalho a partir do viés de gênero feminino. O segundo critério adotado foi a ordem decrescente (do maior para o menor) do tempo de atuação dessas mulheres no mercado. O terceiro critério que consideramos está relacionado aos cargos ocupados, em nível de relevância organizacional de equipe, bem como da acumulação de funções, levando em conta a proximidade entre elas. O quarto critério levou em conta a profissionalização formal a partir da constituição de pessoa jurídica e, por fim, o quinto critério, trouxe questões coletivas a respeito de equipes com predominância quase que total de um dos gêneros.

Após a organização dos dados por gênero, observamos certa equiparidade, sendo que a quantidade de respostas dadas pelas mulheres é superior à dos homens, dada a proporção 52,3% para 47,9%, respectivamente. Cabe ressaltar que um breve olhar sobre estes dados, pode induzir que representam a proporção de profissionais da área. Contudo, acreditamos que parte desses resultados são consequência dos meios de divulgação da pesquisa. Num primeiro momento, esta divulgação ocorreu no grupo *Animação Brasileira das Mulheres*¹⁷ e, posteriormente, contou também com o auxílio da rede de contatos, em rede social online, do animador Marcelo Marão.

Em relação ao tempo de atuação, dentre as mulheres os números se mantiveram equilibrados, tendo sua menor quantidade no período de ‘menos de um ano’. Assim, partindo de 11,2% do total: 17,6% delas atuam entre ‘1 e 2 anos’; 19,2% de ‘3 a 4 anos’; 16% de ‘5 ou 6 anos’; 15,2% entre ‘7, 8 ou 9 anos’ e, por fim, 20,8% em ‘10 anos ou mais’. Percebe-se que o maior número de respostas se concentrou no período de ‘10 anos ou mais’, tendência entre ambos os gêneros, sendo de 40% do total de homens, (veja Figura 9). Precisamos considerar que neste número maior identificado (respostas sobre ‘10 anos ou mais’) está inserido o fato de que, num raciocínio lógico, compreendemos que se o panorama de anos é amplo (pode variar em décadas), a margem de respostas, consequentemente, tende a ser maior.

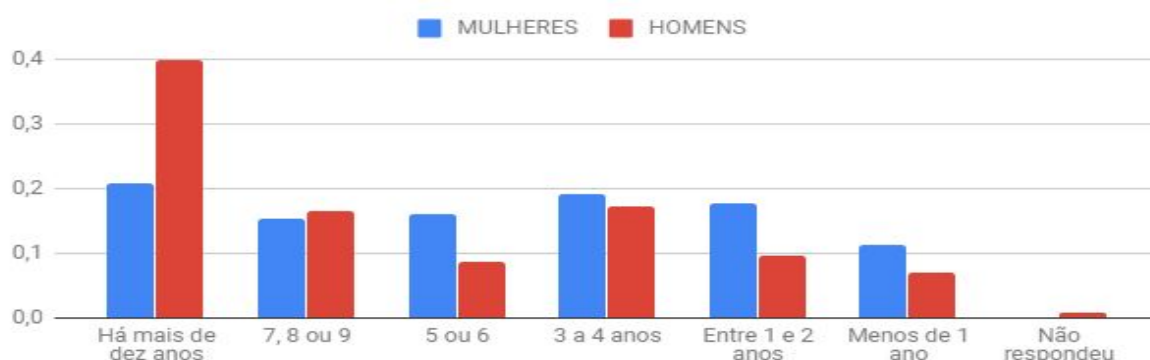


Figura 9: números referentes a pergunta ‘Há quantos anos começou a trabalhar com animação?’

Fonte: dados referentes ao formulário ‘Animação para Todos e Todas’

Verificamos também que a quantidade de homens que estão no mercado a mais tempo, é quase o dobro identificado em relação às mulheres. A partir desse comparativo, acreditamos num possível indicativo de que este mercado era um ambiente com predominância da presença masculina. Portanto, o critério de tempo de atuação, utilizado para a análise dos

¹⁷ Este é um grupo sediado no Facebook, com caráter fechado, no qual as participantes são associadas mediante convite. Atualmente o grupo conta com aproximadamente 205 participantes.

dados, serviu como estratégia para visualizar as transformações e continuidades durante os últimos anos deste mercado, no Brasil.

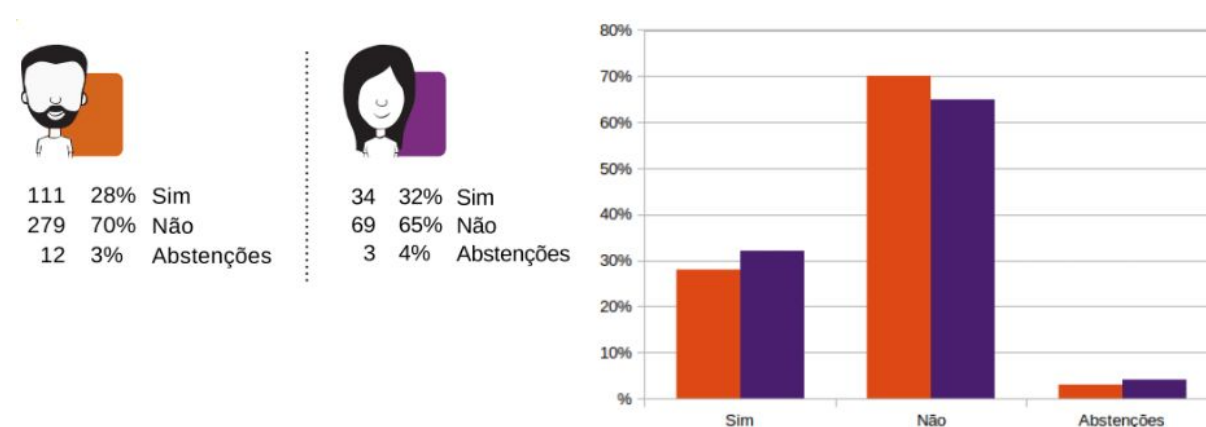
Em relação ao vínculo com a animação, em sua maioria são ‘Freelancer’ 49,6% ou possuem ‘Emprego Informal (incluindo contratos através do MEI ou de pequenas empresas, em que não há vínculos como de emprego mas há contrato duradouro)’ 37,6% (ver Figura 10), já 14,4% das mulheres são estudantes.



Figuras 10: vínculo das mulheres com o mercado de animação..

Fonte: dados referentes ao formulário ‘Animação para todos e Todas’

Sobre o ‘Emprego formal (carteira assinada)’ 16% das mulheres responderam, fazendo ponte com os dados apresentados pelo relatório de Cristiane Fariah (2014), onde 32% afirmaram trabalhar de carteira assinada (ver Figura 11).



Figuras 11: resultados da pergunta ‘trabalha com carteira assinada?’

Fonte: relatório visual da pesquisa “Eu Sou Animação no Brasil”, 2014.

Quanto às funções desempenhadas, foram apresentadas, no formulário online, treze opções para serem assinaladas. Foram contempladas diferentes áreas e níveis dentro da produção de uma animação, desde as mais iniciantes (estagiária e assistente) até as funções presentes no topo da hierarquia (direção e supervisão). As três funções mais selecionadas, (veja Figura 12), dentre as mulheres foram ‘Animação’ com 58,4%, seguido por ‘Ilustração ou Modelagem (cenários, design de personagem e arte em geral)’ com 33,6% e ‘Direção ou Supervisão (arte, animação, storyboard e outros)’ com 26,4%. Dentre os homens, as funções mais ocupadas foram ‘Animação’ 56,5%, ‘Direção ou Supervisão (arte, animação, storyboard e outros)’ 33,9% e ‘Direção Geral’ 28,7%.

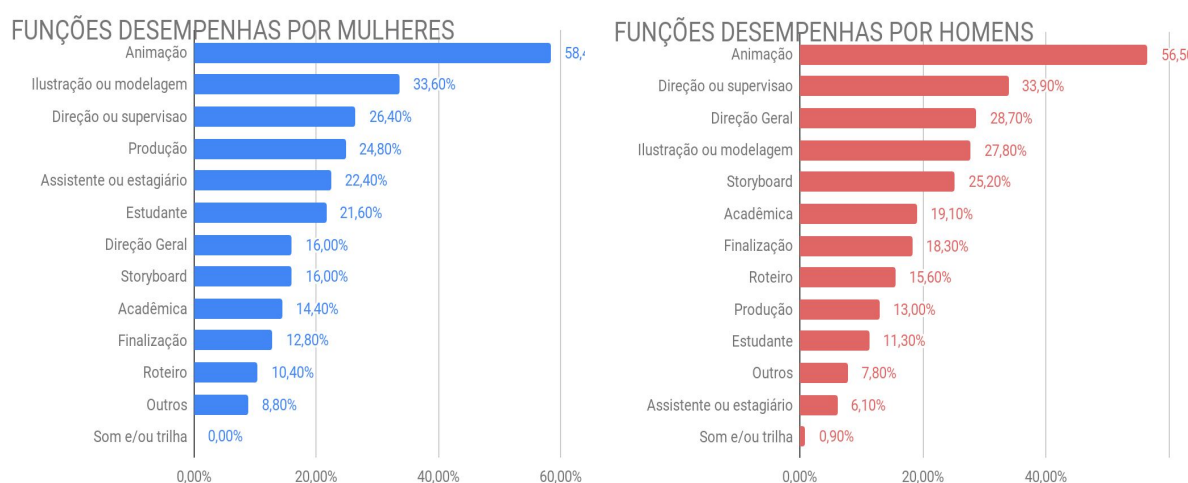


Figura 12: funções desempenhadas por mulheres e homens, respectivamente, em ordem decrescente.

Fonte: dados referentes ao formulário ‘Animação para Todos e Todas’

Algumas das funções tiveram números destoantes entre os gêneros (veja Figura 13). Dentre as que a proporção de mulheres foi superior a de homens, tivemos ‘Assistente ou Estagiária’, onde as mulheres ficaram com 21,6% e os homens com 6,1%, ‘Produção’ com 24,8% das mulheres e 13% dos homens e ‘Estudante’ 21,6% de mulheres e 11,3% de homens. Já em funções como ‘Direção Geral’ em que as mulheres tiveram uma porcentagem inferior, 16%; os homens chegaram em 28,7%. Algo similar observamos em outras funções como ‘Storyboard’ 16% para 25% e ‘Finalização’ 12,8% para 18,3%, respectivamente.

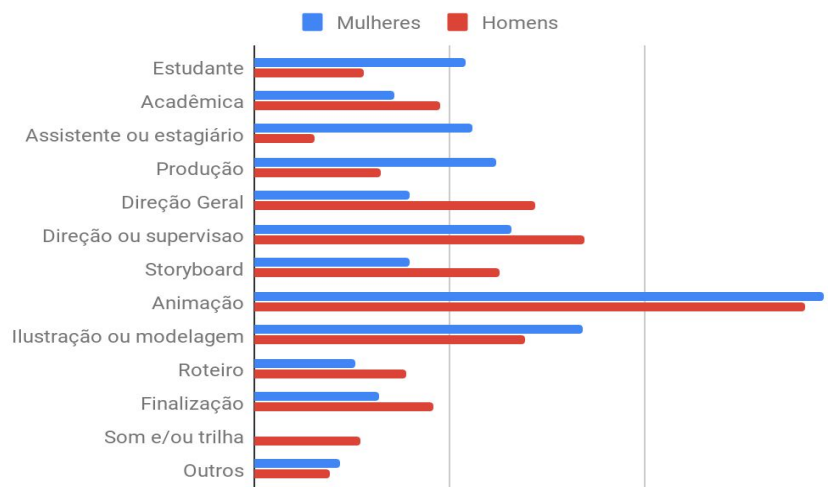


Figura 13: comparativo, entre mulheres e homens, das funções desempenhadas.
Fonte: dados referentes ao formulário 'Animação para Todos e Todas'

Também foi medida a quantidade de funções acumuladas a partir da pergunta referente às funções que melhor definissem o trabalho desempenhado. A questão solicitava o registro de até três, embora possibilitasse a escolha de até treze, no total. Ao verificar que ocorreu uma variação de escolhas, entre uma e seis, consideramos ser relevante registrar também essa oscilação.

Em se tratando de sobreposição de atividades, cabe ressaltar que acreditamos na ideia que a profissional tem melhores condições de desempenhar e aprimorar a qualidade de seu trabalho, quando não está sobrecarregada com múltiplas responsabilidades. Contudo, nesse quesito, identificamos que 35,2% das mulheres definiu suas funções com uma ou duas alternativas (veja Figura 14); 49,2% utilizou as 3 alternativas e, 11,2% assinalou 4 ou mais funções.

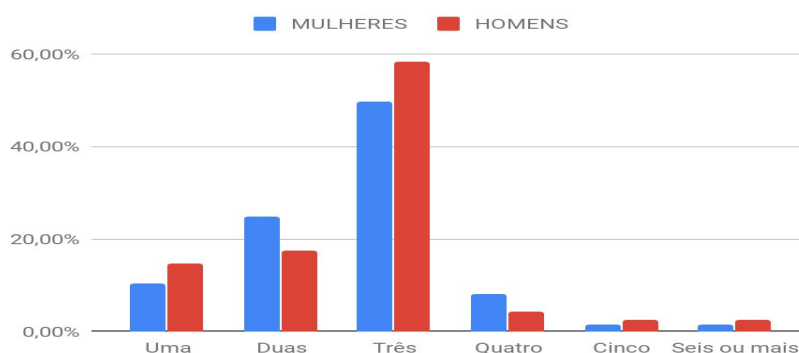


Figura 14: número de funções acumuladas retiradas à partir das respostas referentes à questão 'Escolha no máximo três funções que melhor representem sua atuação no mercado de animação'
Fonte: dados retirados do formulário 'Animação para todos e Todas'

Questões a respeito da constituição da pessoa jurídica também foram abordadas. Acreditamos que o estabelecimento de uma relação formal dentro do mercado de trabalho (seja por MEI, carteira assinada, ou CNPJ), caracteriza um perfil com caráter profissional, na medida que facilita para a garantia de pagamentos e comprovação de atuação. Neste quesito, 21,8% das mulheres não possuem pessoa jurídica e 60,8% afirmaram possuir MEI¹⁸. Se comparado aos homens, 24,3% deles não possuem pessoa jurídica e apenas 46,9% possuem MEI (veja Figura 15). Do restante das respostas, considerando mulheres e homens, 4,6% possui ‘sócios apenas mulheres’ contra 14,2% que possui ‘sócios apenas homens’; apenas 5% possui ‘sócios homens e mulheres’ e 1,25% não respondeu.

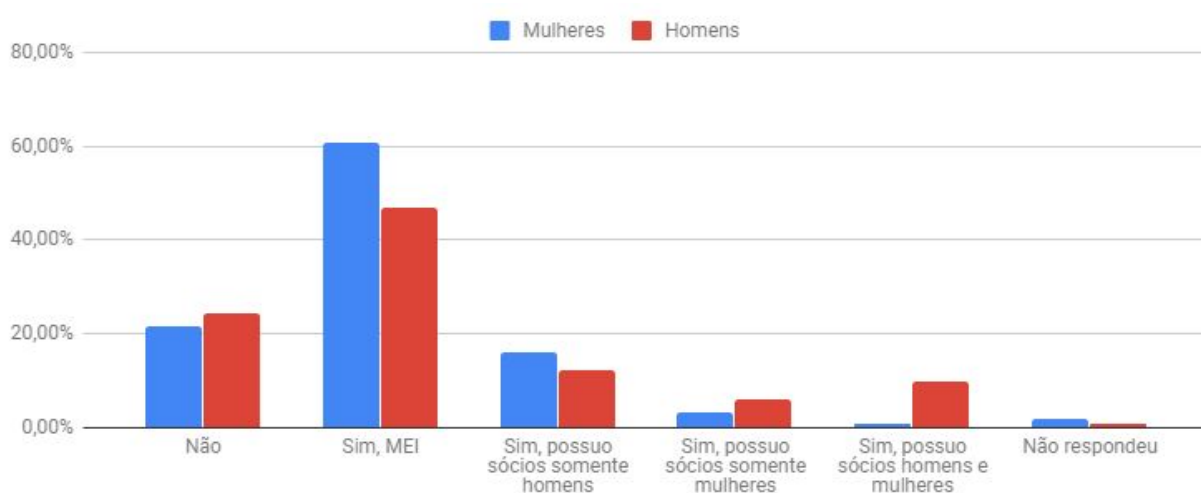


Figura 15: dados referentes à pergunta ‘Possui pessoa jurídica?’
Fonte: dados retirados do formulário ‘Animação para todos e Todas’

Saindo um pouco do individual e partindo para questões coletivas, os dados apresentam um contraste em relação a equipe composta somente por mulheres ou por homens. Do total de participantes, mais de $\frac{3}{4}$ ‘nunca’ participou de uma equipe só de mulheres, quando 1,24% teve essa experiência registrada como ‘muitas vezes ou frequentemente’. Do total (veja Figura 16), 23,3% assinalaram ter tido pelo menos uma experiência de trabalhar em equipe só de mulheres, porém dentre estes, 9,2% foram homens, resultando em uma equipe mista.

¹⁸ Criado em julho de 2008, o Microempreendedor Individual foi criado no Brasil para que trabalhadores informais estejam dentro da Legalidade.

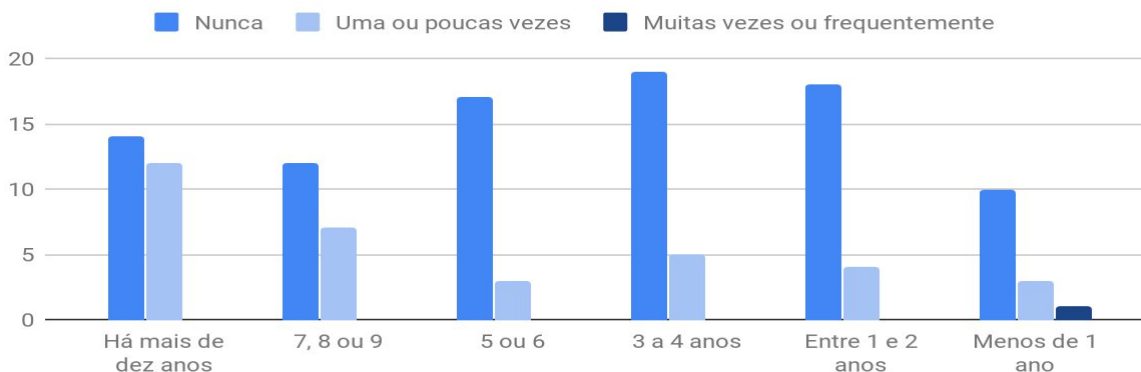


Figura 16: respostas das mulheres referentes a ‘quantas vezes ao longo da sua carreira você trabalhou numa equipe só de mulheres?’

Fonte: dados retirados do formulário ‘Animação para todos e Todas’

Entretanto é possível observar uma diminuição nas equipes compostas ‘somente por homens’, ao longo dos anos. No contexto ‘10 anos ou mais’ (ver Figura 17), 42,3% das mulheres selecionaram que trabalharam ‘muitas vezes ou frequentemente’ e, 38,5% indicaram trabalhar ‘uma ou poucas vezes’. Ao considerar o período de ‘1 a 2 anos’, o cenário se mostra diferente quando, 50% nunca trabalhou em uma equipe só de homens, e das que atuam de ‘há menos de um ano’, chegam ao valor de 64,3%.

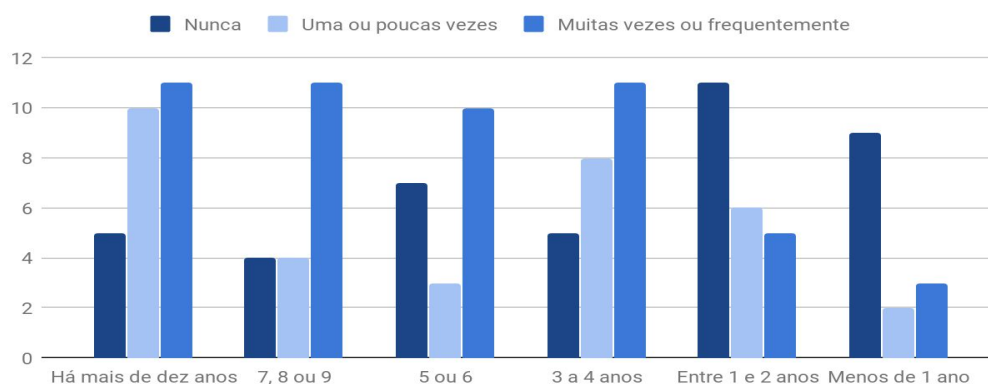


Figura 17: respostas das mulheres referentes a ‘quantas vezes ao longo da sua carreira você trabalhou numa equipe só de homens?’

Fonte: dados retirados do formulário ‘Animação para Todos e Todas’

A análise de dados também apresenta informações sobre as equipes formadas ‘somente por mulheres’ quando, 72% delas afirmou ‘nunca’ ter tido essa experiência, bem como 79,1% dos homens. Do total de homens e mulheres, apenas 1,25% selecionou a opção ‘muitas vezes ou frequentemente’ para indicar que esteve em equipes só de mulheres.

Como forma de concluir a pesquisa apresentada até esta etapa, após a análise de todos os dados e suas variações, seguimos com a reflexão sobre a visão geral da trajetória investigativa vivenciada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“É sempre difícil ser um recém-chegado que tenta abrir caminho através de uma sociedade hostil ou, pelo menos, desconfiada”

Simone Beauvoir

Encontrar nos desafios um estímulo para persistir e prosseguir até alcançar os objetivos propostos parece ser uma constante para as mulheres. Assim observamos naquelas que foram pioneiras na animação, conquistando o espaço que hoje é possível ser reconhecido mas, também, para realizar pesquisas com temas que ainda carece de referenciais teóricos ou estudos afins.

Desvendar o assunto acerca da representatividade feminina, dentro do mercado brasileiro de produtos audiovisuais em animação, tem sido uma experiência reveladora, na medida que até então parecia estar encoberta, embora sempre estivesse ali. Somado a este sentimento, surge a satisfação de estar contribuindo e incentivando para que mais mulheres pesquisem a respeito deste campo. Para além disso, poder auxiliar no acesso a informações que proporcionem, em especial para as mulheres que iniciam neste mercado de trabalho, conscientização e visão crítica sobre questões da contemporaneidade.

Trilhar os caminhos da pesquisa, decidindo qual recorte seria relevante para o momento foi igualmente desafiador. Chega ser alarmante como um assunto de tamanha importância seguisse sem estudos específicos. A descoberta da riqueza dos dados coletados pelas três fontes distintas aqui propostas, resultou um processo intenso de análise dos dados e o constante sentimento de querer abarcar mais do que era possível dentro do tempo disponível (um semestre) para a realização desta investigação científica. O fato do assunto ter sido um tema efervescente ao longo do ano de 2018, contribuiu para ampliar os dados como também como espaço de debate.

Acreditamos que os dados revelados apontam para um princípio de transformação no mercado brasileiro, ou do reflexo de tudo que aconteceu nos últimos 10 anos, como o surgimento de cursos de nível superior dentro de instituições públicas de ensino.

Durante a trajetória, contar com a ajuda de outras mulheres foi essencial, que seja pelos dados cedidos ou apoio e auxílio em questões pontuais. Mais uma vez, a união das mulheres mostrou seus resultados.

É importante ressaltar que a questão da representatividade vai para além da ‘mulher’, precisando voltar os olhos para a inclusão de outras minorias que também buscam seu espaço neste mercado. Com ainda muitos caminhos a serem desvendados é que essa pesquisa, ao se encerrar, também abre espaço para o aprofundamento de questões para além deste recorte. O levantamento de diretoras brasileiras; mapeamento de realizadoras com base nas regiões do Brasil; análise das temáticas abordadas nos produtos audiovisuais em animação brasileira dirigidos por mulheres, dentre tantos outros dados que ainda estão ocultos.

REFERÊNCIAS

LIVROS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960b.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11º ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 160p. 2012.

CATMULL, Ed. **Criatividade S. A.: superando as forças invisíveis que ficam no caminho da verdadeira inspiração**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FARIA, Cristiane Aparecida Gomes. **Design da animação no Brasil: Um Censo Demográfico**. 2015. Dissertação (Mestrado em Design) – Escola de Design, Universidade do Estado de Minas Gerais UEMG, Belo Horizonte. Disponível em <http://anapaulanasta.com/wp-content/uploads/2015/10/FARIA_Cristiane_odesigndaanimacaonobrasil.pdf> Acesso em 20 de jun. 2018.

JOHNSTON, Ollie; THOMAS, Frank. **The Illusion of Life: Disney Animation**. Nova Iorque: Abberville Press, 1981.

WILLIAMS, Richard. **The Animator's Survival Kit**. Londres: Faber and faber, 2001.

JOHNSON, Mindy. **Ink and Paint: The Women of Walt Disney's Animation**. Disney Editions: 2017.

FILMES

AS AVENTURAS DO PRÍNCIPE ACHMED. Direção: Lotte Reiniger. Alemanha: 1926. DVD (81min).

BRASIL ANIMADO. Direção: Mariana Caltabiano. Brasil: jan, 2011 (78min).

EL APÓSTOL. Direção: Quirino Cristiani. Argentina: nov, 1917 (70min).

FILM BEFORE FILM: WHAT REALLY HAPPENS BETWEEN THE IMAGES. Direção: Werner Nekes. Alemanha, 1986. DVD (83min).

LUZ, ANIMA, AÇÃO. Direção: Eduardo Calvet. Produção: Felipe Haurelhuk. Brasil, set. de 2013. DVD (100min).

MR. PASCAL. Direção: Alison de Vere. Reino Unido: 1979 (8min).

O CINEMA ANIMADO. Direção: Arnaldo Galvão, Sérgio Nesteriuk. Brasil: Elo Company, 2014. DVD (110min).

O KAISER. Direção: Álvaro Martis - Seth. Brasil, 1917.

QUIRINO CRISTIANI – O MISTÉRIO DOS PRIMEIROS FILMES DE ANIMAÇÃO. Direção: Gabriele Zuchelli. Reino unido, 2007. DVD (88min).

THE TRIAL. Direção: Orson Welles. França: dez, 1962 (119min).

CONTEÚDO ONLINE

AMIDI, Amid. **Cartoon Brew.** 23 de jun. de 2015. Watch: 5 Gobelins Shorts That Pay Tribute To Women Animation Pioneers. Disponível em <<https://bit.ly/2rlj6K>> acesso em 28, nov 2018.

ANCINE. **Lei da TV Paga.** Disponível em <<https://bit.ly/2Uee7Dj>> cesso em 15 de nov, 2018.

ANIMA MUNDI. **Animemória e Blog.** Disponíveis em <<http://www.animamundi.com.br>> e <<http://www.animamundi.com.br/blog>>

DE-MOTT, Rick. Animation World Network. 16 de jan. 2001. Indie Animator Alison de Vere Has Passed Away. Disponível em <<https://bit.ly/2E5EmpX>> acesso em 29 de nov, 2018.

DENNEY-PHELPS, Nancy. **Animation World Network.** 2 de set. de 2015. Annecy 2015: The (almost) Year of the Woman Organized by Men. Disponível em <<https://bit.ly/2zKzrYp>> acesso em 28 nov, 2018.

FSA. **O que é o FSA?** Disponível em < <https://bit.ly/2PjRyJv>> Acesso em 15 de nov, 2018.

JEAN, Marcel. **Internet Archive.** Techniques: Pinscreen. Disponível em <<https://bit.ly/2UgArMu>> acesso em 30 de nov, 2018.

JONES, Angie. **Thinking Animation**. 30 de set. 2017. Ink and Paint: The Women of Walt Disney's Animation. Disponível em <<https://bit.ly/2UjF4Wb>> acesso em 3 de dezembro de 2018.

MCB. **Mulheres do Cinema Brasileiro - TANIA ANAYA**. 2012. Disponível em <<https://bit.ly/2rqAeJf>> acesso em 29 nov, 2018.

ST-PIERRE, Marc. NFB Blog. 8 de março de 2018. **The Life and Times of Evelyn Lambart**. Disponível em <<https://bit.ly/2rpjTEV>> acesso em 29 nov, 2018.